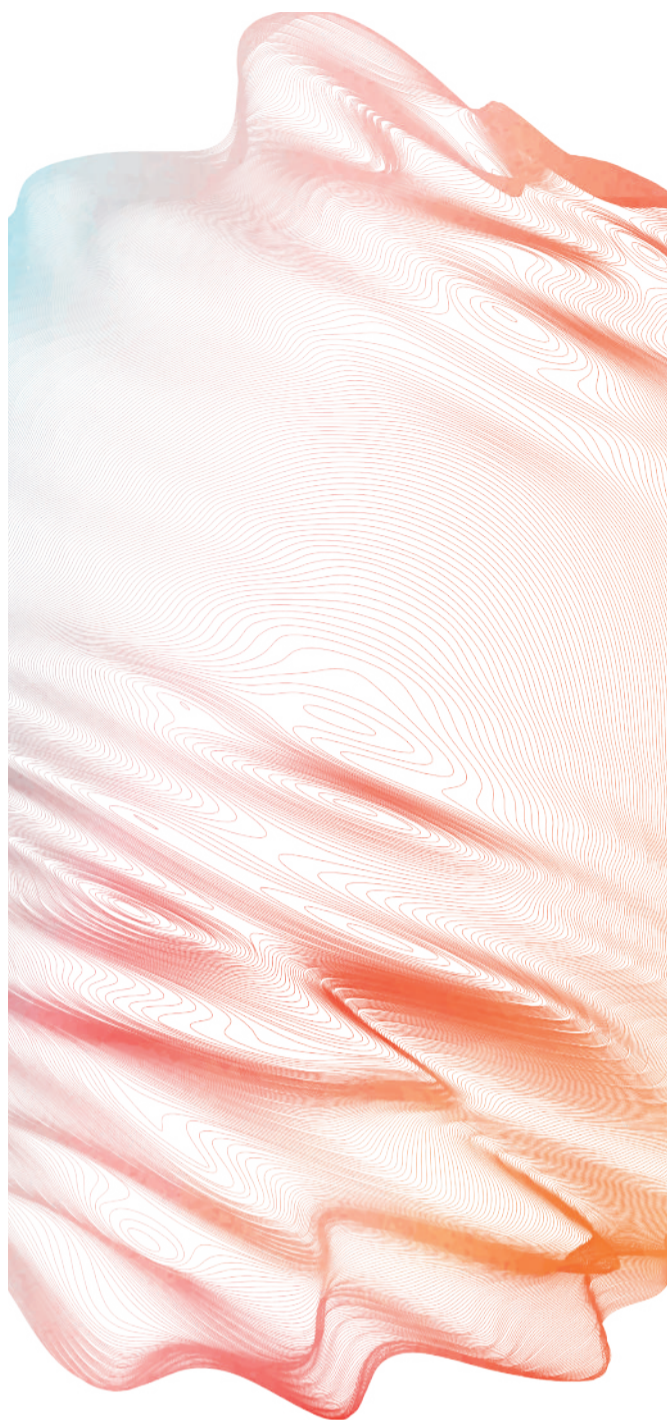


www.queerlisboa.pt

FESTIVAL
DE CINEMA
INTERNACIONAL
QUEER LISBOA

Queer Lisboa 27

22-30 setembro 2023
Cinema São Jorge
Cinemateca Portuguesa



- 3 Editorial • Noite de Abertura • Noite de Encerramento • Sessões Especiais
- 4 Competição Longas-Metragens
- 5 Competição Documentários
- 6 Competição Curtas-Metragens
- 7 Competição In My Shorts
- 8 Competição Queer Art
- 9 Panorama • Conversas e Debates
- 10 Gaze Shorts Program
- 11 Retrospectiva Yvonne Rainer
- 14 Festas
- 15 Calendário de Sessões

CINEMA SÃO JORGE

Avenida da Liberdade, 175
1250-141 Lisboa
Tel. + (351) 213 103 400
Metro: Avenida
www.cinemasaojorge.pt

Bilhete inteiro: 4,50€ | com desconto: 3,50€*
Pack 5 bilhetes para 5 sessões diferentes pelo preço de 4: 18,00€
| com desconto: 14,00€*
*(Menores de 25 anos, maiores de 65 anos, funcionárias da Câmara Municipal de Lisboa e membros das Associações LGBTQI+, devidamente identificadas).
Conversas e debates: entrada gratuita.

Horário:
Diariamente, a partir das 13h e até ½ hora depois do início da última sessão.

Bilheteira online: Blueticket

CINEMATECA PORTUGUESA

Rua Barata Salgueiro, 39
1269-059 Lisboa
Tel. + (351) 213 596 200
Metro: Avenida
www.cinemateca.pt

Bilhete inteiro: 3,20€ | com desconto: 2,15€ (Estudantes, Cartão Jovem, maiores de 65, pensionistas); 1,35€ (Amigues da Cinemateca, estudantes de cinema).
Debate: entrada gratuita.

Horário:
De segunda-feira a sábado: das 13h30 às 21h30

Bilheteira online: BOL

EQUIPA QUEER LISBOA

Diretor Artístico: João Ferreira
Programação: Constança Carvalho Homem, Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro, Hilda de Paulo, João Ferreira

Direção: Cristian Rodríguez, João Ferreira
Produção: Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro
Consultoria: António Fernando Cascais
Movimento de Cópias: Daniel Pinheiro
Hospitalidade: Cristian Rodríguez
Imprensa, Comunicação e Redes Sociais: Inês Sena
Design Gráfico: Ivo Valadares
Website: João Pascoal Studio, After You
Tradução: Cristian Rodríguez, João Ferreira
Tradução Legendagens: All-in Global, Ana Grilo, Bernardo Castro, Helena Nunes, Helena Sardinha, Isabel Mendes, Patrícia Azevedo da Silva, Rhubia De Albuquerque, Sara Ferreira, Sofia Espada, Vítor Pombo
Música Trailer: Pantha du Prince
Legendas: Associação IndieLisboa
Impressão: AgoraLx

Organizado por:
Associação Cultural Janela Indiscreta
Casa do Cinema
Rua da Rosa, 277, 2.º
1200-385 Lisboa
Tel.: + (351) 91 610 69 04
info@queerlisboa.pt

Produção



Festival Apoiado por



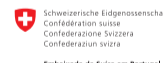
Parceria Estratégica



Coprodução



Apoios à Programação



Patrocinadores de Prémios



Hotel Oficial



Televisão Oficial



Rádio Oficial



Patrocinadores



Apoios



Restaurantes Parceiros



Parcerias Média



Apoio a Eventos



João Ferreira • Diretor Artístico do Queer Lisboa

O que é que informa o nosso olhar? Sobre que palco é que falamos? Tem sido um debate recorrente na passada década aquele que se refere a uma reflexão e análise a um chamado “lugar de fala”, e que transporta consigo importantes noções de representatividade e legitimidade na criação artística queer. Por outro lado, uma questão igualmente pertinente e transdisciplinar que acarreta noções que vão da semiótica à filosofia, diz respeito ao modo como olhamos a realidade, como interpretamos um objeto artístico, ou seja, o que é que nos informa nessa leitura.

A História, com todas as suas leituras e ficções, as leis, a medicina - e a ciência de um modo geral -, as organizações e “preceitos” sociais e até afetivos; em suma, os modos como devemos interpretar, olhar e estar na sociedade, o modo como amamos e nos relacionamos, foram quase exclusivamente ditados pelo homem, de “h” minúsculo – o homem branco, heteronormativo. Vivemos em larga medida condicionados por estas conceções, fomos educados – e ludibriados –, nessa lógica fechada de pretensão universal. Ainda hoje é assim.

Em particular desde a década de 60, com o eclodir dos movimentos sociais das chamadas minorias sexuais e de género, dos movimentos feministas, das pessoas negras ou indígenas, entre outros, esse olhar é colocado em causa. As Histórias, com todas as suas agressões e mentiras, são denunciadas e levantam-se vozes para a edificação de outras Histórias, mais justas, abrangentes. Mais verdadeiras. E aqui entra o “lugar da fala” de quem, durante séculos, se viu oprimido e silenciado na sua voz. Afinal, qual é a sua verdade sobre a (sua) História e como viveram e vivem estas ditas “minorias” dentro de uma estrutura de violência que as condicionou e amordaçou?

Num mundo onde as “minorias” raramente se viram representadas e, quando o foram, foi a partir de uma visão oportunista, enviesada, ou até exótica em muitos casos; onde esse olhar sobre elas procurava sobretudo defini-las de fora, a questão do lugar de fala e da representatividade são da mais central justiça e a única forma de repor uma verdade.

A indústria do cinema é ainda hoje largamente dominada por esta lógica patriarcal. Uma lógica à qual o próprio cinema queer não tem escapado. Basta pensarmos em como é notícia ainda hoje quando uma realizadora mulher entra na competição de Cannes, ou sempre que uma pessoa negra está no palco dos Óscares, ou as lutas recentes no meio artístico por parte de criadores trans para conquistarem lugares à frente e atrás das câmaras. Mas mesmo quando, em termos de criação, há barreiras que vão sendo transpostas, existem aquelas outras, que vão do financiamento, à distribuição e circulação onde, de novo, estas obras são submetidas a lógicas de silenciamento ou até de apropriação por parte desse mesmo sistema capitalista e patriarcal. Sempre a questão do poder.

Olhando a evolução do cinema queer – e mais alargadamente a sua produção audiovisual -, na última década, somos instigados a refletir de novo sobre o lugar de fala e o que informa o nosso olhar. Fatores tão diversos

como a crescente afirmação de todos os espectros individuais e coletivos das realidades LGBTQI+ que os levaram a conquistar um lugar de fala no cinema, ou por outro, um acesso mais facilitado a meios de produção, permitem-nos que hoje seja cada vez mais frequente vermos um cinema de mulheres, de pessoas negras, trans, indígenas, um cinema reflexo de múltiplas realidades geográficas, de periferia, de fronteira. Por último, a disseminação destes cinemas leva-nos de novo à reflexão sobre o que realmente informa o nosso olhar. Se o movimento feminista havia reivindicado um “olhar feminino” em contraponto a esse outro, masculino, branco e heteronormativo, que dominou o pensamento e as artes durante séculos, é cada vez mais legítimo e justo falarmos hoje da importância central de um olhar queer.

Fora de uma lógica binária, e procurando assim abarcar vivências que se viram desde sempre caladas, um olhar queer sobre o mundo alimenta o cinema de uma dimensão totalmente nova. Fomos educados a olhar o mundo sob uma lógica totalmente enviesada e altamente discriminatória. E isso vale para o modo como olhamos, por exemplo, para realidades e fenómenos específicos como a Guerra na Ucrânia, as alterações climáticas, o crescimento da extrema-direita na Europa, ou as rotas migratórias, que dominam a agenda contemporânea. Libertarmo-nos desse olhar patriarcal, ou binário, sobre estes fenómenos e outros, ajuda-nos a chegar onde é realmente importante: ao indivíduo, às vidas, a cada realidade específica e idiossincrática, no que ela tem de melhor e pior. E só assim, fazendo este caminho, poderemos aproximar-nos a uma justiça e a uma verdade. É não aceitar que exerçam poder sobre nós.

No movimento de um novo fôlego que o cinema ganha após o período de pandemia, as presentes edições do Queer Lisboa e do Queer Porto procuram fazer justiça a esse olhar queer, um olhar não polarizado, que fica entre e além-fronteiras. Em Lisboa, a retrospectiva que este ano dedicamos a Yvonne Rainer revela-nos precisamente como a coreógrafa usou o cinema para denunciar e subverter esse olhar machista e patriarcal, contrapondo-o com narrativas que olham antes o mundo de uma perspectiva queer, lançando nova luz sobre temas como a intimidade e as relações, a História ou a doença. E no programa deste ano, Rainer parece dar o mote para uma muito diversa seleção de filmes, todos eles diferentes olhares sobre as diferentes vivências que procuram representar. Dos territórios indígenas asfaltados em nome de um chamado progresso, a vozes queer russas que recusam silenciar-se perante a repressão e a guerra. Das novas vozes de pessoas trans que enfim contam e ficionam as suas próprias histórias, ao silenciamento e morte por homofobia no Uganda. Das necessárias releituras da História à luz do pensamento pós-colonial, aos igualmente sempre necessários regressos às realidades LGBTQI+ de décadas passadas, para assim se compreender o presente. Da epidemia da sida ao Covid, do chemsex à saúde mental. Vidas e vozes que ora sussurram, ora gritam, habitam as salas do Queer Lisboa 27, contra o apagamento e a indiferença. Pela respiração, pela construção de caminhos melhores.

Noite de Abertura

Sexta-feira 22 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 21h00



La Bête dans la jungle

La Bête dans la jungle

Patric Chiha (França, Bélgica, Áustria, 2023, 103') • Fic. Leg. Português e Inglês. M/16

No final dos anos setenta, por entre as cintilantes noites de um clube de dança, John e May aguardam por um momento extraordinário e transformador. Vinte e cinco anos se passam enquanto acompanham os eventos mundiais na televisão: o mandato de Mitterrand, a crise da sida, a queda do Muro de Berlim, o 11-S. De 1979 a 2004, do disco ao techno. Modas, movimentos e drogas mudam, enquanto eles dançam contra um tempo que passa cada vez mais célere.

Noite de Encerramento

Sábado 30 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 21h00



Queendom

Queendom

Agnia Galdanova (França, EUA, 2023, 93') • Doc. Leg. Português e Inglês. M/16

Gena, artista queer de uma pequena localidade na Rússia, encena em público performances radicais que se tornam numa nova forma de arte e ativismo, e que eventualmente colocam a sua vida em perigo.

Sessões Especiais



Passages © Guy Ferrandis

Sexta-feira 29 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 22h00

Passages

Ira Sachs (França, 2023, 91') • Fic. Leg. Português e Inglês. M/16

Tomas, cineasta alemão, começa uma impulsiva relação amorosa com uma jovem professora, Agathe. Para Tomas, a novidade de estar com uma mulher é uma experiência excitante que lhe apetece explorar, mas quando o seu muito paciente marido Martin começa ele também uma aventura extraconjugal, Tomas volta a focar-se no seu casamento, e os seus ciúmes explodem.



Sisi & I © Bernd Spaube

Sábado 30 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 16h00

Sisi & I

Frauke Finsterwalder (Alemanha, Suíça, Áustria, 2023, 132') • Fic. Leg. Português e Inglês. M/16

Sisi chegou à última metade da sua vida. A Condessa Irma dá com ela numa comuna aristocrática para mulheres na Grécia, um universo inteiro longe da rigorosa etiqueta da corte austro-húngara. Sisi vive em absoluta liberdade, na qual nem os seus filhos, nem o seu marido, o imperador Franz Joseph, desempenham qualquer tipo de papel. A única coisa importante é que ninguém nunca fique entediado e que a própria imperatriz decida as regras do jogo.

Heterogeneidade e prioridade às primeiras obras marcam esta competição. Começamos por *O Acidente*, de Bruno Carboni: um atropelamento e fuga publicado na internet aproxima de forma insidiosa vítima e vitimadores. Opondo dois modelos de família, o filme constrói uma dança lenta e asfixiante e revela o laço entre Joana, lésbica e futura mãe, e Maicon, menino sorumbático, pomo da discórdia entre os pais. O peso da denúncia é ponto comum a *Blue Jean*, de Georgia Oakley, e *Opponent*, de Milad Alami. *Blue Jean* espelha o quotidiano de uma professora apavorada com a eventual descoberta da sua sexualidade na escola. É um filme sobre o imperativo de uma vida dupla na década de 80 e contrasta um *underground* efusivo com o desamparo da Grã-Bretanha thatcherista. *Opponent*, por sua vez, expõe a intimidade de uma família iraniana à espera de asilo político na Suécia. Entre desejos de regresso e uma vida segura em solo alheio, entre o conforto da pertença e a pulsão homoerótica, o vórtice do filme é Iman, talentoso *wrestler* consumido pelo interdito e pela burocracia. Ver-se-ão também diversas experiências de urbanidade, começando por *Mutt*, de Vuk Lungulov-Klotz. Rodado em Nova Iorque, o filme segue de perto 24 horas de azar e improviso na vida de Feña: a mágoa e a ternura perpassam o dia do protagonista - ainda a firmar o

seu processo de transição - à medida que reencontra ex-namorado, irmã e pai. *All the Colours of the World Are Between Black and White*, de Babatunde Apalowo, leva-nos à periferia de Lagos, onde floresce uma amizade que transborda e recua a cada encontro. Nos mais ínfimos sinais, Bambino e Bawa dão corpo à censura interna, ao não-dito e à resistência ao desejo. Já *Pornomelancolia*, documentário ficcionado de Manuel Abramovich, acompanha o mexicano Lalo Santos, *sexinfluencer* convertido em ator porno. Temos vislumbres da indústria pornográfica, momentos de plena camaradagem entre colegas e *fuck buddies*, e um retrato do vazio do protagonista, e dos artifícios que alimentam a sua presença online. Finalmente, *Peafowl*, de Byun Sung-bin, faz a ponte entre o jubiloso *whacking* de Seul e uma pequena comunidade. O regresso à aldeia obriga a exuberante Shin Myunga a encarar de novo a estreiteza da família e da tradição. Ela, que prepara a contragosto o rito fúnebre do pai, vê segredos revelados e um caminho de encontro à sua própria cor. Por último, *Regra 34*, de Julia Murat, reúne na figura de Simone o perfil de aluna avançada de direito e a esfera do sexo virtual, criando situações de debate e fricção em torno do que seja feminismo, violência doméstica e prazer. **Constança Carvalho Homem**



Blue Jean



Mutt © Mikaela Lungulov-Klotz



Peafowl



Pornomelancolia

O Acidente

Bruno Carboni (Brasil, 2022, 95') • Fic. Leg. Inglês. M/16

Sábado 23 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 16h00

Joana, ciclista, vê-se envolvida num estranho acidente: um carro arrasta-a no capô ao longo de um quarteirão. Ela sai ilesa e decide esconder o incidente da sua companheira Cecília. Quando um vídeo do acidente é filtrado na net, a omissão de Joana fica exposta. Aos poucos, começa então a envolver-se na vida da família que a atropelou.

All the Colours of the World Are Between Black and White

Babatunde Apalowo (Nigéria, 2023, 92') • Fic. Leg. Português e Inglês. M/16

Sexta-feira 29 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 19h00

O relacionamento de Bambino e Bawa é posto à prova ao debaterem-se com os seus sentimentos um pelo outro enquanto deambulam por Lagos para uma competição de fotografia. O primeiro luta com as suas próprias dúvidas e incertezas, enquanto o segundo está convencido de que os seus sentimentos são um sinal de algo mais profundo. Quando Bambino sofre um acidente e é forçado a contar com a ajuda de Bawa, ele também começa a questionar a sua própria sexualidade.

Blue Jean

Georgia Oakley (Reino Unido, 2022, 97') • Fic. Leg. Português. M/16

Quarta-feira 27 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 22h00

Inglaterra, 1988 – O governo conservador de Margaret Thatcher está prestes a aprovar uma lei que estigmatiza gays e lésbicas, obrigando Jean, uma professora de educação física, a viver uma vida dupla. À medida que a pressão aumenta de todos os lados, a chegada de uma nova rapariga à escola catalisa uma crise que vai desafiar Jean profundamente.

Mutt

Vuk Lungulov-Klotz (EUA, 2023, 87') • Fic. Leg. Português. M/16

Terça-feira 26 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 22h00

Feña, um rapaz trans que procura vingar na vida na atribulada Nova Iorque, está prestes a enfrentar um dia particularmente desafiante. Ao longo de 24 horas, o seu pai estrangeiro, o seu ex-namorado hétero e a sua meia-irmã de 13 anos voltam abruptamente à sua vida.

Opponent

Milad Alami (Suécia, Noruega, 2023, 119') • Fic. Leg. Português e Inglês. M/16

Quinta-feira 28 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 19h00

No rescaldo de um devastador boato, Iman e a sua família foram forçados a fugir do Irão. Como refugiados, acabam num hotel decadente no norte da Suécia. Apesar de se sentir impotente, Iman tenta manter o seu papel de patriarca da família. Para aumentar as suas chances de asilo, quebra uma promessa feita à esposa e junta-se ao clube de luta livre local. À medida que os rumores começam a ressurgir, o medo e o desespero de Iman começam a tomar conta da sua vida.

Peafowl

Byun Sung-bin (República da Coreia, 2022, 115') • Fic. Leg. Português e Inglês. M/16

Segunda-feira 25 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 19h00

Quinta-feira 28 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 16h00

Myung é uma mulher transgénero que cortou laços com a sua família e cidade natal, por causa de ser quem é. Agora, tudo o que ela precisa é da cirurgia, mas a única maneira que tinha de ganhar dinheiro, que era vencendo a competição de dança Waacking, não correu nada bem. Um dia, recebe uma chamada informando-a de que o seu pai faleceu, e Myung descobre que só poderá aceder à sua herança caso realizar a Dança do Tambor durante o ritual memorial do 49º dia sobre a sua morte.

Pornomelancolia

Manuel Abramovich (Argentina, Brasil, França, 2022, 98') • Fic. Leg. Português e Inglês. M/16

Sábado 23 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 22h00

Lalo é um influenciador sexual: publica fotos do seu corpo nu e vídeos porno caseiros para os seus milhares de seguidores nas redes sociais. Lalo dirige a sua própria vida, mas no plano privado, fora de personagem, parece viver numa melancolia constante.

Regra 34

Julia Murat (Brasil, França, 2022, 100') • Fic. Leg. Inglês. M/16

Domingo 24 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 22h00

Quarta-feira 27 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 19h00

Simone é uma jovem negra que passou anos a fazer performances sexuais online para pagar a faculdade de direito. Agora que acabou de passar o exame para delegada do ministério público, a sua ambição é defender mulheres vítimas de abuso. De forma a reacender o seu desejo sexual, uma amiga envia-lhe o link de um vídeo em que uma mulher negra pratica sadomasoquismo.

Júri Longas-Metragens



Anabela Moreira nasceu em 1976, em Lisboa, e é atriz e realizadora. Estreou-se em cinema em 2002, com a curta *O Amor É Kitsch*, de Rita Nunes e conta com mais de 30 filmes como atriz. Trabalhou com João Canijo em *Noite Escura*, *Mal Nascida*, *Obrigação*, *É o Amor*, *Fátima*, *Mal Viver* e *O Dia Do Meu Casamento*, do qual é coautora; com João Botelho em *O Fatalista*, Carlos Conceição em *Nação Valente*, Gabriel Abrantes e Daniel Schmidt em *Diamantino*, entre outros. Está atualmente no elenco principal de *Sangue Oculto*, da SIC, e em breve retomará a peça *O Diário de Anne Frank*, de Marcos Medeiros.

©Jens Koch



Bernardo Mendonça, jornalista, assina há mais de duas décadas no *Expresso* temas sociais antirracistas, feministas, LGBTQIA+. Neste âmbito foi distinguido com o Prémio Media 2008, da rede ex aequo, e com o Prémio Media da ILGA, em 2021. É autor do podcast "A Beleza das Pequenas Coisas", desde 2015, onde aposta na diversidade de vozes e identidades. Com este podcast recebeu o prémio "Melhor podcast de entrevistas" e "Melhor podcast do ano", no Festival Podes, em 2021. Coautor do videocast "Muito Mais do Que Sexo"; da rubrica "Vamos Falar de Sexo", no *Jornal da Noite*, da SIC; e autor do programa "Verdade ou Consequência", na SIC Notícias. Acredita que a empatia é a melhor lente para olhar o mundo.



Joana Alves nasceu no Porto em 1989. Formada em Turismo, com um percurso que se estende também pelas áreas de comunicação e produção cultural em música, teatro e cinema. Foi co-curadora das exposições "Mulheres e Resistência – Novas Cartas Portuguesas e outras lutas" (2020) e "Adeus, Pátria e Família" (2022), que incidia sobre a repressão de género e da homossexualidade durante o Estado Novo, ambas no Museu do Aljube Resistência e Liberdade. Desde 2022 que faz parte da dupla SAPATRUX, com Hérica Nogueira. Um Dj set de ocupação sapatão, em festas queer, onde se explora a dinâmica entre Portugal e o Brasil. Com residência mensal na VALSA e com participação em festas noutros espaços da cidade de Lisboa.

©Raquel Pimenta

O documentário não só dá corpo a realidades arredadas dos noticiários e redes, como nos ajuda a compreender quem somos. A seleção deste ano mergulha-nos em águas nem sempre serenas. Transfobia, racismo e masculinidade, são dissecados no poderoso *Kokomo City*, onde, numa auspiciosa estreia, D. Smith acompanha trabalhadoras do sexo negras e trans, juntando-lhes clientes e namorados, complexificando este retrato. *Out of Uganda*, de Rolando Colla e Josef Burri, é um daqueles documentos necessários para compreender a discriminação, particularmente em países onde isso significa a ostracização e até a morte. Já em *Polish Prayers*, Hanka Nobis apresenta-nos a uma irmandade católica nacionalista de rapazes que, na natureza, vociferam discursos racistas e homofóbicos e, na cidade, organizam uma contramarcha à do Orgulho, até que um dos seus membros começa a questionar (aquele) Deus. Quando a performatividade e rituais públicos são ditados por uma cultura patriarcal e heteronormativa, como conseguem os sujeitos LGBTQI+ construir a sua identidade? No Kosovo, um grupo de jovens procura estas respostas no muito revelador *As I Was Looking Above, I Could See Myself Underneath*, de Ilir Hasanaj. Dos Balcãs para o Raval de Barcelona, outra guerreira, mas isolada. Em *Cantando en las Azoteas*, Enric Ribes segue os passos já cansados de Gilda Love que, na velhice, se vê ainda



Kokomo City



Out of Uganda



Peixe Abissal



Polish Prayers © First Hand Films

As I Was Looking Above, I Could See Myself Underneath

Ilir Hasanaj (Kosovo, 2022, 62') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Quinta-feira 28 setembro • Sala 3, 18h30

Sete pessoas LGBTQI+ de diferentes origens e gerações contam a sua história de descoberta queer e as suas experiências de vida num ambiente de rejeição e exclusão. O documentário explora as suas esperanças e sonhos, os sentimentos de perda e derrota, e o significado de uma casa. É o primeiro filme do género no Kosovo que mostra os seus protagonistas sem borrar os rostos ou mudar os seus nomes verdadeiros.

Cantando en las Azoteas

Enric Ribes (Espanha, 2022, 78') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Domingo 24 setembro • Sala 3, 15h30

Terça-feira 26 setembro • Sala 3, 15h30

Gilda Love / Eduardo, o último transformista do Raval de Barcelona, sobrevive com uma pensão miserável enquanto procura ainda atuar pelos clubes. As suas prioridades são de súbito viradas do avesso com a chegada da pequena Chloe, com quem terá a chance de ter a família que nunca teve.

Kokomo City

D. Smith (EUA, 2023, 73') • Doc. Leg. Português. M/16

Sábado 23 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 19h00

Encontros e entrevistas com quatro trabalhadoras do sexo trans negras em Nova Iorque e no Estado da Geórgia. As protagonistas falam das suas vidas com graça, mas sem rodeios, relatando-nos os seus sonhos e memórias, batalhas travadas e crises superadas, amantes, amigos e famílias, e de como estas relações são marcadas por tabus e fetichizações, mas também pelos seus próprios desejos.

Out of Uganda

Rolando Colla, Josef Burri (Uganda, Suíça, 2022, 65') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Terça-feira 26 setembro • Sala 3, 21h30

Philip, Lynn, Hussein e Shammy, jovens LGBT ugandeses, lutam pela sobrevivência. Permanecer no seu país, onde a opressão e a discriminação religiosa prevalecem, põe em risco suas vidas. A sua última esperança é deixar tudo para trás e viver um longo e doloroso exílio.

forçada a fazer espetáculos de transformismo, num filme que reflete sobre velhice e família em sujeitos LGBTQI+. Luís Capucho, escritor, músico e compositor, diagnosticado com o VIH em 1996, é uma daquelas figuras de raro talento que se viram relegadas para as margens. Em *Peixe Abissal*, Rafael Saar segue-o pelas ruas de Niterói e do Rio de Janeiro, numa magnífica reencenação e evocação mística da sua vida, num movimento encantatório que nos mergulha nos sons, palavras e universo deste ser raro. Tema longe de estar explorado pela cinematografia queer, *Who I Am Not*, de Tünde Skovrán, segue duas pessoas negras intersexo, da África do Sul, que expõem os dilemas clínicos, familiares e identitários da sua condição, num documentário que desmascara as fragilidades do binarismo de sexo e género. Por fim, apropriação política e pertença estão na base de um dos mais inesperados filmes deste ano: *Transfariana*, de Joris Lachaise. O documentário acompanha um dos líderes das FARC, Jaison, que na prisão começa uma relação com uma mulher trans, pretexto para a descoberta da comunidade trans nas fileiras das FARC e as suas muitas batalhas internas, conflitos, mas também ações pedagógicas no seio da maior adversidade. **João Ferreira**

Peixe Abissal

Rafael Saar (Brasil, 2023, 110') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Domingo 24 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 19h00

Sexta-feira 29 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 16h00

Seres luminosos, divinos e mundanos, líricos e selvagens, masculinos e femininos. Homens, mães e santas emergem de um mergulho profundo no universo poético do escritor e compositor Luís Capucho.

Polish Prayers

Hanka Nobis (Suíça, Polónia, 2022, 85') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Segunda-feira 25 setembro • Sala 3, 21h30

Quarta-feira 27 setembro • Sala 3, 15h30

Antek, de 22 anos, cresceu numa família de direita, profundamente religiosa e radical, na Polónia dos dias de hoje. Catolicismo, nacionalismo, homofobia e celibato definem o seu mundo. Mas quando ele se apaixona, começam a surgir dúvidas - primeiro sobre a proibição do sexo antes do casamento, depois sobre a sua visão da comunidade LGBTQ e, finalmente, sobre a existência de Deus.

Transfariana

Joris Lachaise (França, Colômbia, 2023, 153') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Sexta-feira 29 setembro • Sala 3, 21h30

No sul de Bogotá, em La Picota, uma prisão de alta segurança, Jaison Murillo, comandante e porta-voz das FARC, casou-se com Laura Katalina, uma mulher transgénero e ex-trabalhadora do sexo, condenada a prisão perpétua. O casamento desperta indignação e clamor geral nas fileiras da guerrilha.

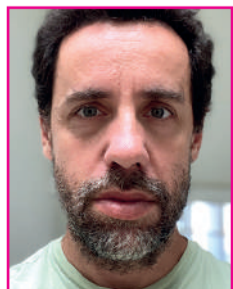
Who I Am Not

Tünde Skovrán (Roménia, Canadá, 2023, 105') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Sábado 23 setembro • Sala 3, 15h30

O que faz um homem e o que faz uma mulher? Onde traçamos a fronteira? E isso importa, realmente? Sharon-Rose Khumalo, uma rainha de beleza sul-africana, mergulha numa crise de identidade após descobrir que é intersexo. Ela precisa da orientação de alguém como ela. A única pessoa que consegue ajudá-la é Dimakatso Sebidi, um ativista intersexo que se apresenta como homem, e que se revela ser o completo oposto dela.

Júri Documentários



Francisco Frazão (Lisboa, 1978) é o diretor artístico do Teatro do Bairro Alto, teatro municipal de Lisboa dedicado à experimentação. De 2004 a 2017 foi programador de teatro da Culturgest e ali dirigiu também o projeto PANOS (de nova dramaturgia e teatro juvenil). De 2000 a 2004 integrou a Comissão de Leitura dos Artistas Unidos. Tem escrito e dado aulas sobre teatro, cinema e literatura. Traduziu, entre outros, Beckett, Pinter, Tim Crouch, Chris Thorpe, Annie Baker, Dennis Kelly e Zinnie Harris.



Gertrudes Marçal é funcionária na RTP, desde 1981. Produtora Sénior com experiência em todos os formatos: entretenimento, ficção, documentários, concertos, música clássica, ópera. Neste momento concretiza, como ideia original e autora, um documentário de seis episódios sobre a dinâmica do planeta, para a RTP 2. É licenciada em Geografia - Planeamento e Gestão do Território, com Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Local, e outra Pós-Graduação em Produção de Televisão e, recentemente, formação na Universidade de Valencia sobre documentários: "Microcredencial Universitária en creación de documentales - De la idea a la pantalla".



Susana Nobre é licenciada em Ciências da Comunicação na Universidade Nova de Lisboa. Fez o curso de Realização de Cinema com a colaboração da The London Film School, no âmbito do Programa de Criatividade e Criação Artística da Fundação Calouste Gulbenkian. Fundadora da produtora Terratrema (antiga Raiva), realizou os filmes *Cidade Rabat* (2023), *No táxi do Jack* (2021), *Tempo Comum* (2018), *Provas, exorcismos* (2015), *Lisboa-Provincia* (2010) ou *O que pode um rosto* (2003), que têm sido mostrados em diversos festivais como Berlinale (Forum), Cannes (Quinzena dos Realizadores), Roterdão, Viennale ou Vila do Conde.

Em formatos mais convencionais e outros que desafiam essa convencionalidade, as curtas-metragens selecionadas continuam a servir de exemplo para uma demonstração diversificada do cinema queer. O registo documental está presente combinando diferentes formas de experimentação dentro deste formato. A virtualidade para falar sobre a presença e pertença dos corpos nos lugares em *Acesso*, a espiritualidade para retratar a comunidade de mulheres trans indígenas em *Aribada* e a viagem de regresso às origens enquanto pessoa queer em território aborígene em *Dipped in Black*. A memória, possível de recuperar através de imagens de arquivo pessoal para ficcionar novas narrativas sobre identidade em *Buscó a Satanás, Encontró la Familia* e a sua construção interetando a existência pessoal face a uma outra prescrita pela nacionalidade em *Kerel (Sea of Love)*. Num lugar entre a realidade e a possibilidade de a reconstituir, um depoimento sobre o lugar da mulher na indústria cinematográfica ganha vida em *Maria Schneider, 1983*. A ficção, por sua vez, ganha diversas tonalidades nesta seleção atravessando diferentes temáticas. A inexplicabilidade dos sentimentos que se materializam nos conceitos de desejo e amor em *The Dalles* e *Incroci*. A complexidade das relações em tensão com as preocupações individuais em *Nuits Blanches*. A repressão da expressão

mais sensível, que leva ao preconceito através da masculinidade tóxica vista de diferentes ângulos em *Warsha, Queima Minha Pele* e *SCRED TBM*. Estratégias de cuidado para se abordar a saúde mental, bem-estar e apaziguamento em *Repair* e *Troy*. Ainda na mesma linha e com uma reflexão sobre o trabalho sexual e o estigma a ele associado, em *Work*. O questionamento sobre a diferença e dúvida sobre identidade de género na tenra idade, devolvida pelo olhar do outro em *La main gauche* e face a um contexto religioso e conservador em *J'ai vu le visage du diable*. O lugar híbrido também comum da prática cinematográfica dá lugar a exercícios sobre *queerness* pontuados por uma estética mais plástica, musical e pop em *Casa de Bonecas, I Can See the Sun but I Can't Feel It Yet* e *I'm the Only One I Wanna See*, através de técnicas como a animação com *I am a Horse* e a apropriação de imagens em tom mais ensaístico com *Loving in Between*. Agrupados em diferentes sessões, os objetos artísticos são aqui colocados em diálogo para oferecer às audiências um olhar que, apesar de poder ser usufruído como um todo, é proveniente de diferentes origens, identidades e materializam as particularidades que cada produção considera relevante expressar e debater sobre. **Daniel Pinheiro**



Aribada



Maria Schneider, 1983



The Dalles



I Can See the Sun but I Can't Feel It Yet

CURTAS 1 (97')

Domingo 24 setembro • Sala 3, 18h30

Incroci

Francesca de Fusco (EUA, Itália, 2023, 13') • Fic. Leg. Inglês. M/16

Fede é uma adolescente que reside numa tradicional casa de freiras que oferece hospedagem a jovens estudantes e viajantes em Bérghamo. A sua vida oscila entre o tempo passado no liceu público e com o seu pequeno grupo de amigas, embora passe os dias perdida nos seus pensamentos, polindo um segredo que guarda dentro de si. A sua vida muda discretamente com a chegada de Valentina.

I Am a Horse

Chaerin Im (República da Coreia, Dinamarca, 2022, 8') • Anim. S/ diálogos. M/16

Incapaz de encontrar raparigas nas diversas obras de arte do artista coreano Lee Jung-seob, Chaerin Im desvenda um conto imaginativo de mulheres nascidas com metade do seu corpo sendo um cavalo e a outra metade um tigre.

SCRED TBM

Kevin Le Dortz (França, 2022, 16') • Fic. Leg. Inglês. M/16

Gabriel, jovem pai e num relacionamento, leva uma vida dupla. Através de uma app e com o pseudónimo «Scred TBM», vive parte da sua sexualidade em segredo. Organiza escrupulosamente os seus encontros para nunca ser desmascarado, mas tudo muda no dia em que conhece um novo perfil.

Aribada

Simon(e) Jaikiriuma Paetau, Natalia Escobar (Alemanha, Colômbia, 2022, 30') • Doc-fic. Exp. Leg. Inglês. M/16

Na região de produção de café da Colômbia, Aribada, a mostra ressuscitada, conhece Las Traviesas, um grupo de mulheres trans do povo Emberá, juntando-se a elas na criação da sua própria comunidade trans*futurista.

Kerel (Sea of Love)

Jon Cuyson (Filipinas, 2021, 14') • Doc-fic. Leg. Inglês. M/16

Preso num navio de carga durante o confinamento, Kerel, um marinheiro gay filipino escapa através da sua memória e relembra o seu complicado passado, presente e futuro.

Warsha

Dania Bdeir (França, Líbano, 2022, 16') • Fic. Leg. Inglês. M/16

Um operador de guias em Beirute oferece-se para cobrir um turno numa das guias mais perigosas, onde será capaz de encontrar a sua liberdade.

CURTAS 2 (97')

Segunda-feira 25 setembro • Sala 3, 18h30

La main gauche

Maxime Robin (Canadá, 2022, 14') • Fic. Leg. Inglês. M/16

A mãe do jovem Maxime começa a preocupar-se quando a professora do segundo ano o declara como “anormal”.

Acesso

Julia Leite (Brasil, 2021, 18') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Lugares suspensos na memória de cinco pessoas LGBTQI+ de São Paulo são revisitados através do Google Street View.

Loving in Between

Jyoti Mistry (Áustria, África do Sul, 2023, 18') • Doc. Exp. S/ legendas. M/16

Uma celebração da sexualidade e do amor queer. Um otimista universo de imagens de arquivo que põe em diálogo erupções vulcânicas com cenas de praia, encontros sexuais em casas de banho públicas com beijos proibidos entre freiras.

Repair

Bertil Nilsson (Reino Unido, 2022, 11') • Fic. Leg. Inglês. M/16

Após um embaraçoso encontro no supermercado, Ramin, autista, é forçado a enfrentar a única coisa que parece não conseguir reparar: ele mesmo.

J'ai vu le visage du diable

Julia Kowalski (França, 2023, 36') • Fic. Leg. Inglês. M/16

Kościerzyna, uma pequena cidade no norte da Polónia, nos dias de hoje. Majka, de 18 anos, está convencida de estar possuída. Ela decide então encontrar-se com Marek Rogala, um padre exorcista.

CURTAS 3 (99')

Terça-feira 26 setembro • Sala 3, 18h30

Work

April Maxey (EUA, 2022, 13') • Fic. Leg. Inglês. M/16

Incapaz de ultrapassar uma separação, Gabriela, artista queer chicana, regressa impulsivamente a um antigo emprego num dúbio clube de dança, onde inesperadamente reencontra uma amiga do passado.

I Can See the Sun but I Can't Feel It Yet

Joseph Wilson (Reino Unido, 2023, 20') • Exp. Leg. Inglês. M/16

Um pesadelo em devaneio: cinco jovens queer são internadas numa clínica para terapias de conversão.

Queima Minha Pele

Leonardo Amorim (Brasil, 2023, 19') • Fic. Leg. Inglês. M/16

Esses homens estão a pingar de suor, mas não importa.

I'm the Only One I Wanna See

Lucia Martinez Garcia (Suíça, 2022, 6') • Exp. Leg. Inglês. M/16

Uma mulher, uma bailarina, uma criatura, dança, livre. Ela ri-se da violência, dos insultos, dos olhares que reinam à sua volta.

Troy

Mike Donahue (EUA, 2022, 16') • Fic. Leg. Inglês. M/16

Troy faz sexo barulhento. Troy faz sexo barulhento 24 horas por dia, sete dias por semana. Uma parede separa Troy de Thea e Charlie. Troy está a dar cabo das suas vidas... Ou estará a salvá-las?

Dipped in Black

Matthew Thorne, Derik Lynch (Austrália, 2022, 25') • Doc. Leg. Inglês. M/16

A viagem do homem Yankunyjtjara, Derik Lynch, de volta ao País para uma cura espiritual, enquanto emergem as memórias da sua infância. Um escape à opressão da vida na cidade branca em Adelaide, de volta a casa, na remota Comunidade Anangu (Aputula) para se apresentar em solo sagrado dos Inma.

CURTAS 4 (98')

Quarta-feira 27 setembro • Sala 3, 18h30

The Dalles

Angalis Field (EUA, 2022, 10') • Fic. Leg. Inglês. M/16

Cam, de 18 anos, está habituado a ver os mesmos fregueses familiares quando trabalha os seus turnos na barraca de cerejas da família, na zona rural do Oregon; mas quando um belo ciclista passa e pede-lhe informações sobre como chegar a uma zona de engate local, ele considera isso um convite para segui-lo.

Maria Schneider, 1983

Elisabeth Subrin (França, 2022, 25') • Doc-fic. Leg. Português. M/16

Em 1983, a atriz francesa Maria Schneider concede uma entrevista ao programa de TV Cinema Cinemas. A conversa toma um rumo inesperado quando ela põe em causa certas práticas da indústria cinematográfica e é desafiada a falar sobre o polémico filme *O Último Tango em Paris* (1972).

Buscó a Satanás, Encontró la Familia

Miguel Ángel Fajardo (Colômbia, 2021, 22') • Doc-fic. Leg. Inglês. M/16

Juntamente com Fábio, um brasileiro atrevido, Miguel examina os VHS da sua infância. Miguel apresenta-nos o seu mundo, o seu passado, o seu primeiro eu. Através destas imagens referenciais, ele estrutura uma particular narrativa da sua experiência enquanto criança colombiana, assim como as primeiras manifestações de Satanás na sua vida.

Casa de Bonecas

George Pedrosa (Brasil, 2023, 16') • Fic. Leg. Inglês. M/16

Somos seres imateriais. Estaremos sempre dentro dos corações umas das outras pessoas. Dia a dia mudamos e fortalecemo-nos. Corpo, alma e sangue com cheiro a cor-de-rosa.

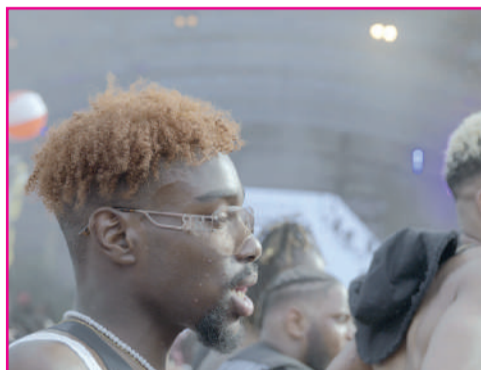
Nuits blanches

Donatienne Berthereau (França, 2023, 25') • Fic. Leg. Inglês. M/16

Abril de 2022. Entre as duas voltas das eleições presidenciais francesas, Solène, empregada de um bar em Paris, perde-se em noites sem dormir.

Os dez filmes da competição deste ano têm em comum o facto de darem voz a quem segue caminhos diferentes, a pessoas decididas a trespassar limites. São projetos de escola, mas, pela sua qualidade estética e intelectual, poderiam marcar presença em qualquer grande festival. Foi o caso, de facto, de *Ours*, que competiu este ano na Berlinale e no qual Morgane Frund nos fala sobre o desconforto que o olhar masculino desperta nas nossas sociedades. Agradece-se que o faça, tentando espoletar uma discussão, em lugar de cancelar visões. Outros afiados olhares femininos: o da emergente realizadora espanhola Aitana Ahrens, que nos conquista com apenas o olhar triste de duas bonecas de plástico, e o de Linda Krauss, cujo festival de cores, linhas e formas, *Pussy Love*, não tem dificuldade em lubrificar zonas erógenas em apenas quatro minutos. O filme português que ganha este ano lugar na competição é também um filme de mulheres: recente Prémio Sophia Estudante, *Vanette* reflete sobre nomadismo como sinónimo de liberdade, usando a imagem de uma carrinha como espelho de um relacionamento que se vai deteriorando. Mas: porque será que as relações são tão difíceis de manter? Porque será que os romances nos despertam tantas dúvidas? Kim

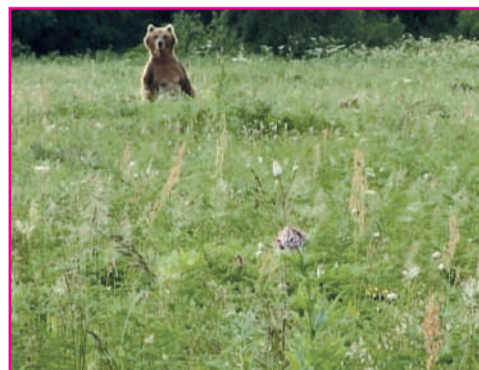
Allamand filmou em 16mm o sensual *Heart Fruit*, e confessa haver encontrado no processo uma resposta: o amor, antes que sentimento, é uma habilidade. *Edge* e *Les garçons dans l'eau* são outros dois exemplos de como lidar com o amor, em concreto com o amor aos nossos corpos: o primeiro, um visceral experimento onde Edmund Krempiński, homem trans, libera-se da opressiva sociedade polaca através da psicomagia; o segundo, um ficcionado conto de verão feito por uma equipa 100% queer no qual não custa imaginar traços reais da vida pessoal do próprio realizador. Fecham a seleção duas ficções clássicas sobre as ansiedades que nos autoimpomos ao vampirizar outras pessoas: de forma literal no gótico *Combien danseront sur ta langue*, e de forma mais velada em *Et tu cherches quoi de beau ici?*, onde Abram Cerda denuncia enganosas âncoras como as drogas ou a toxicidade das apps de encontros. E há espaço ainda para celebrar a comunidade queer negra de Londres da mão da realizadora afro-indígena Ana María Jessie Serna, com um filme de belo título que poderia facilmente servir para batizar o programa completo: *Because I Know How Beautiful My Being Is*. **Cristian Rodríguez**



Because I Know How Beautiful My Being Is



Edge



Ours



Plastic Touch

IN MY SHORTS 1 (88')

Quinta-feira 28 setembro • Sala 3, 15h30

Combien danseront sur ta langue

Louis-Barthélémy Rousseau (França, 2022, 20') • Fic. Leg. Inglês. M/16

Alice é médica. Todos os dias interroga os seus pacientes sobre pormenores íntimos da sua vida sexual e tira-lhes amostras de sangue. De volta a casa, encontra Bianca, languidamente à sua espera. Chegado o momento, Alice derrama o sangue na língua de Bianca, revelando as íntimas histórias sexuais que lhe narraram.

Because I Know How Beautiful My Being Is

Ana María Jessie Serna (Colômbia, Reino Unido, Brasil, 2023, 18')

Doc. Leg. Português. M/16

Pearl é uma conhecida proprietária de uma loja em Manchester. Cheryl é poeta, dramaturga e encenadora. Claud é uma professora que está a fazer um documentário sobre o Black Angels, o clube noturno que ela fundou. Nick é um jovem psicólogo que trabalha na Associação de Estudantes. Todos pertencem à comunidade negra e queer do Reino Unido.

Edge

Edmund Krempiński, Jakub Dylewsk (Polónia, 2023, 18') • Exp. Leg. Inglês. M/16

Protagonista Estigmatizada luta contra todas as faces da sua própria frustração, no caminho para se tornar uma Pérola.

Plastic Touch

Aitana Ahrens (Espanha, 2022, 12') • Fic. S/ legendas. M/16

Lucy, um brinquedo sexual, acorda num quarto de um bordel de bonecas. Convive com Mina, outra boneca. Juntas, veem televisão: a sua janela para o mundo real. Imaginam uma vida juntas, longe dali.

Heart Fruit

Kim Allamand (Suíça, 2022, 20') • Fic. Leg. Inglês. M/16

Citadinos mergulham numa quente noite de final de verão. Olhares que se cruzam numa biblioteca, homens que discutem onde comprar amor, casais que se beijam intimamente ou que procuram explicar-se na terapia.

IN MY SHORTS 2 (92')

Sexta-feira 29 setembro • Sala 3, 15h30

Les garçons dans l'eau

Pawel Thomas Larue (França, 2023, 39') • Fic. Leg. Inglês. M/16

É final de verão na costa da Bretanha. Oscar convida o seu grupo de amigas para passar uma semana de férias na casa dos avós. Ainda não havia voltado a este local onde cresceu, desde que se assumiu como rapaz trans. Na praia, o grupo conhece Malo, um miúdo giro, local, que também é trans.

Pussy Love

Linda Krauss (Alemanha, 2023, 4') • Anim. Leg. Inglês. M/16

Ei, Gata! Ainda a fazeres-te difícil? Deixe-me ser a tua gatinha.

Vanette

Maria Beatriz Castelo (Portugal, 2023, 13') • Fic. Leg. Inglês. M/16

Eva e Sónia, duas órfãs na casa dos 20 anos, com passados diferentes, estão numa relação amorosa em que a única coisa que lhes resta e une é uma carrinha que utilizam para subsistir, viajando pelo país.

Ours

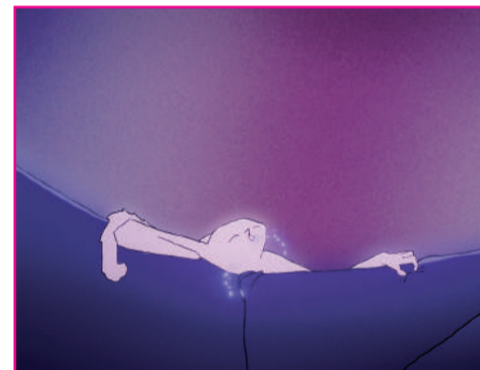
Morgane Frund (Suíça, 2022, 20') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Um cineasta amador que filma ursos há anos, contacta uma escola de cinema à procura de alguém para montar as suas filmagens. Uma aluna aceita esse trabalho, mas ao digitalizar o arquivo descobre que as gravações não são apenas de ursos. Dá-se lugar então a uma discussão entre ambos sobre o poder de um olhar e sobre a sua violência voyeurística.

Et tu cherches quoi de beau ici?

Abram Cerda (Bélgica, 2022, 17') • Fic. Leg. Inglês. M/16

Em Bruxelas, Stefan, chileno, procura conexão, mas o medo da intimidade poderá desviá-lo do caminho.



Pussy Love



Vanette

Júri Curtas-Metragens / In My Shorts



André Cabral nasceu em 1990 no Barreiro, é bailarino profissional e professor de dança. Começou a sua formação em 2006 com Hip-Hop, posteriormente orientado por Vasco Alves. Ingressou na licenciatura em Dança Contemporânea na Escola Superior de Dança em Lisboa e estagiou na CPBC, sob a direção artística de Vasco Wellenkamp. Trabalhou, entre outros, com Clara Andermatt, Rui Horta, Paulo Ribeiro, Miguel Moreira, Marco da Silva Ferreira, Victor Hugo Pontes e Catarina Miranda. Desde 2013 é presença assídua nos projetos de Batida e tem colaborado, além do palco, com artistas visuais, fotógrafos e realizadores. Dá os primeiros passos enquanto ator, em filmes de João Pedro Rodrigues (*Fogo-Fátuo*, 2022) e Carlos Conceição (*Nação Valente*, 2023).



Mia Tomé é atriz, *voice artist* e criadora. Foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian para estudar no The Lee Strasberg Theatre and Film Institute, em Nova Iorque. É licenciada em Teatro pela ESTC, e Mestre em Educação Artística pela FBAUL, onde investigou o tema "Cinema e Educação". Foi autora e apresentadora do programa "Querem Drama?" no Canal Q, mas também do "Por uma canção" na Antena 3. Atualmente tem em mãos "Projeto Natália", que celebra o centenário de Natália Correia. Desde 2021 que está a desenvolver um projeto no Arizona, sobre as mulheres do Oeste Norte Americano.



Rafaela Jacinto é artista, ativista e queer desobediente do teatro e da escrita. "A música está na minha cabeça" é o seu terceiro livro, depois de "Regime" (2020) e "Fiz uma coisa má" (2021), ambos editados pela Douda Correria. Nasceu em 1994, licenciou-se em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema (2016) e é especialista em História e Cultura das Religiões pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2019). Estudou ainda Cinema Documental e trabalhou na última década com os realizadores Joaquim Pinto e Nuno Leonel.

Esta competição de carácter singular continua a evocar estratégias de reinvenção social através da expressão contemporânea do cinema queer. A seleção de filmes incluídos na secção Queer Art desta edição do Queer Lisboa explora o potencial de artistas que procuram libertar-se dos protocolos regulares e *mainstream* de *storytelling*, abrindo espaço para uma experiência mais intuitiva e sensorial de transformação pessoal. Theo Montoya exorciza o luto em *Anhell69*, pseudónimo de outro jovem queer vítima de *overdose* que se tornou o símbolo de uma rebelião de espectrofilicos em Medellín. A dupla, Flora Dias e Juruna Mallon, vasculha a paisagem do Aeroporto Internacional de Guarulhos em *O Estranho* para revelar e reconectar-se com a ancestralidade daquele local. Mike Hoolboom liga inevitavelmente as epidemias de COVID e SIDA em *Freedom from Everything*, numa apropriação visual poderosa e pessoal do ensaio de Hito Steyerl com o mesmo nome para falar sobre o capitalismo e o individualismo através de uma perspetiva queer. *Labor*, de Tove Pils, utiliza o vídeo como se de um diário se tratasse para retratar a vida de pessoas queer na indústria do trabalho sexual e as questões sociais que lhes estão diretamente

associadas. Benjamin Deboosere convida-nos a refletir sobre as narrativas colonialistas que ainda perduram, através de estratégias de comunicação visual inesperadas e de um elenco surpreendente em *The Life and Strange Surprising Adventures of Robinson Crusoe Who Lived for Twenty and Eight Years All Alone on an Inhabited Island and Said It Was His*. Conjugando uma variedade de técnicas visuais e performativas, *Playland* de Georden West é uma encenação única da antiga vivência queer no mais antigo bar gay de Boston. O artista egípcio Mohammad Shawky Hassan reaviva o soneto de Shakespeare em *Shall I Compare You to a Summer's Day*, um conto de amor queer e autobiográfico que emerge de experiências relacionais contemporâneas cruzadas com o folclore e cultura popular árabes. Enquadrado no contexto do distanciamento social, Chica Barbosa e Fernanda Pessoa utilizam a correspondência por vídeo como prática artística em *Vai e Vem*, uma homenagem a mulheres cineastas experimentais, ao mesmo tempo que abordam o conceito de pertença a um lugar específico e o seu contexto social e político. **Daniel Pinheiro**



Anhell69



Labor



The Life and Strange Surprising Adventures...



Vai e Vem

Anhell69

Theo Montoya (Colômbia, Roménia, França, Alemanha, 2022, 75') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Domingo 24 setembro • Sala 3, 21h30

Um carro funerário percorre as ruas de Medellín, enquanto um jovem realizador narra a história do seu passado nesta cidade violenta e conservadora. Recordar-se da pré-produção do seu primeiro filme, um série-b com fantasmas. Jovens da cena queer de Medellín integram o elenco do filme, mas o protagonista morre de *overdose* de heroína aos 21 anos, assim como muitos amigos do realizador.

O Estranho

Flora Dias, Juruna Mallon (Brasil, França, 2023, 107') • Longa-Metragem Fic. Leg. Inglês. M/16

Domingo 24 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 16h00
Quarta-feira 27 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 16h00

O Aeroporto Internacional de Guarulhos está erguido sobre território indígena. Centenas de milhares de pessoas atravessam-no diariamente e 35.000 trabalhadores mantêm-no de pé. Alê, operadora de pista cuja história familiar se sobrepõe à da construção do aeroporto, conduz-nos por encontros através do tempo. As memórias e o futuro dela e dos seus amigos são permeados por uma matéria comum: vestígios do passado num território em constante transformação.

Freedom from Everything

Mike Hoolboom (Canadá, 2022, 87') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Quinta-feira 28 setembro • Sala 3, 21h30

Filme-ensaio pessoal sobre duas pandemias: a da sida e a do coronavírus. Memoriais do corpo, histórias de sobreviventes, lembranças. Ambas as pragas são reenquadradas pelo neoliberalismo e pela sua mitologia central de liberdade pessoal.

Labor

Tove Pils (Suécia, 2023, 95') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Quarta-feira 27 setembro • Sala 3, 21h30
Sábado 30 setembro • Sala 3, 15h30

Hanna deixa a sua família para trás para viajar à cidade dos seus sonhos, São Francisco. Numa festa, conhece a dominatrix profissional Chloe, e Cyd, uma trabalhadora do sexo, e juntas embarcam numa jornada de autorrealização.

The Life and Strange Surprising Adventures of Robinson Crusoe Who Lived for Twenty and Eight Years All Alone on an Inhabited Island and Said It Was His

Benjamin Deboosere (Bélgica, 2023, 75') • Longa-Metragem Fic. Leg. Inglês. M/16

Sexta-feira 29 setembro • Sala 3, 18h30

O filme não se trata apenas de uma adaptação da novela de Daniel Defoe, *Robinson Crusoe*, de 1719. Antes, aborda o alargado mito cultural a que este livro deu lugar: um homem branco que 'civiliza' os habitantes indígenas de uma ilha e que clama propriedade sobre esse mesmo território. Hoje, com a urgência do debate à volta da descolonização no mundo da arte e das suas instituições, esta intervenção cinematográfica de Deboosere ressoa num contexto mais global de um conjunto de obras que procuram desestabilizar e substituir a ideologia do imperialismo. O resultado é um filme singular e subversivo, satírico e surpreendentemente charmoso, que procura dar a mesma atenção a animais e ao mundo natural, assim como aos devaneios da história do Antropoceno construída pelos humanos.

Playland

Georden West (EUA, 2023, 72') • Longa-Metragem Exp. Leg. Inglês. M/16

Sábado 23 setembro • Sala 3, 21h30

Um extravagante trabalho de história e fantasia queer, *Playland* invoca os diferentes tempos de uma noite no mais antigo e notável bar gay de Boston. Com um eclético elenco de performers queer, onde se incluem a ícone drag Lady Bunny e Danielle Cooper da série *Pose*, o filme é transdisciplinar em todos os sentidos da palavra: música, dança, imagens de arquivo, quadros, ópera e performance art, são as camadas que constroem uma obra etérea que subverte todas as fronteiras.

Shall I Compare You to a Summer's Day?

Mohammad Shawky Hassan (Egito, Líbano, Alemanha, 2022, 66') • Longa-Metragem Fic. Leg. Árabe e Inglês. M/16

Sábado 23 setembro • Sala 3, 18h30
Segunda-feira 25 setembro • Sala 3, 15h30

Shall I Compare You to a Summer's Day? é um musical queer contemporâneo que tem os contos tradicionais árabes como referência formal, e a música pop egípcia como material sonoro principal. É baseado no diário de amor pessoal do realizador e contado na forma de *As Mil e Uma Noites*, no qual as histórias se desenvolvem através de conversas entre Scheherazade, um narrador que nunca vemos e os fantasmas de antigos amantes.

Vai e Vem

Chica Barbosa, Fernanda Pessoa (Brasil, 2022, 82') • Doc. Exp. Leg. Português e Inglês. M/16

Terça-feira 26 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 19h00

O ano em que tudo mudou radicalmente, onde as fronteiras reais e invisíveis ganharam outra dimensão, é a raiz de uma provocação fílmica. Duas amigas separadas pelos hemisférios norte e sul da América pretendem dançar no tumulto de imagens, violências, frustrações e desejos. Fazem-no através de um jogo onde o registro de si e das mulheres ao seu redor se transforma num diálogo real e lúdico, como um encontro e um abraço decididos a resistir à distância.

Júri Queer Art



Marta Simões licenciou-se em Cinema na ESTC em Lisboa, tendo concluído o último ano na Universidad del Cine, em Buenos Aires. Dos projetos em que participou como Diretora de Fotografia destacam-se *Flores* (NYFF, Festival de San Sebastián), *Super Natural* (Berlin International Film Festival, prémio Fipresci) realizados por Jorge Jácome; *A Mordida* (NYFF, TIFF, Internationale Kurzfilmtage Winterthur), *Tomar-se um Homem na Idade Média* (International Film Festival Rotterdam, prémio Ammodo Tiger Short Award) de Isadora Pedro Neves Marques; *Nha Mila* (Locarno Film Festival, New Directors New Films) de Denise Fernandes, entre outros. Para além do seu trabalho como Diretora de Fotografia, tem vindo a participar no processo de desenvolvimento e escrita de vários projetos.



© studíofaya

Puta da Silva é uma multiartista afrotravesti imigrante, cuja carreira começou no Brasil como professora, atriz e encenadora. Com formação em Teatro pela Universidade Federal de Uberlândia e mestrado em Teatro e Comunidade pela Escola Superior de Teatro e Cinema, imigrou para Lisboa em 2016 onde decidiu explorar o universo musical. Cria obras musicais, performativas e multimédia, que combinam banda, DJs, audiovisual, poesia e dança, para retratar a sua experiência de imigração para a Europa. Puta da Silva é também cofundadora da Casa T Lisboa, uma associação de acolhimento para pessoas LGBTQIAP+, focada na população Transvestigênera imigrante e racializada.



Teresa Coutinho (1988) é atriz, criadora, performer e dramaturga. Criou SEM MEDO (2023), SOLO (2022), DISTANTE, de Caryl Churchill (2021), O ETERNO DEBATE (2020), entre outros. Trabalhou como atriz com Christiane Jatahy, Tim Crouch, Catherine Marnas, Rogério de Carvalho, Ricardo Neves-Neves, Nuno Cardoso, Raquel Castro, Carlos Avillez, entre outros. Foi assistente de encenação de Tiago Rodrigues, Gus Van Sant, Faustín Linyekula, Natália Luiza, Mónica Calle e Beatriz Batarda. É coordenadora do 'Clube dos Poetas Vivos' no TNDM II e do Clube de Leitura da Batalha - Centro de Cinema. É membro-fundadora da Ação Cooperativista. Está a preparar a sua próxima criação *O Fim Foi Visto* (2024).

Arrête avec tes mensonges

Olivier Peyon (França, 2022, 98') • Fic. Leg. Português e Inglês. M/16

Segunda-feira 25 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 22h00

Ao aceitar ser o embaixador de marca de um famoso cognac que comemora o seu bicentenário, o romancista Stéphane Belcourt regressa à sua cidade natal pela primeira vez em muitos anos. Uma vez lá, conhece Lucas, o filho do seu primeiro amor. As memórias voltam em catadupa: uma atração irreprimível, corpos fundindo-se no calor do desejo, uma paixão que não pode ser revelada...

Conversa com Philippe Besson

Segunda-feira 25 setembro • Sala 2, 18h30

Integrado no programa cultural MaisFRANÇA, promovido pelo Institut Français de Portugal, e no contexto da exibição da longa-metragem *Arrête avec tes mensonges*, de Olivier Peyon, o Queer Lisboa tem o prazer de acolher um dos maiores romancistas franceses da atualidade, Philippe Besson. Com mais de vinte romances publicados, com a chancela das éditions Julliard, onde se incluem *Son frère* (adaptado ao cinema por Patrice Chéreau, em 2003), *L'arrière-saison* (Grand Prix RTL-Lire), *Le Dernier Enfant* ou *Paris-Briançon*, Besson vem falar-nos sobre a sua obra, com especial incidência no romance *Arrête avec tes mensonges* (prix Maison de la Presse), recentemente adaptado ao cinema e integrado na programação deste ano do festival. O autor estará à conversa com o jornalista e Presidente da Queer Palm do Festival de Cannes, Franck Finance-Madureira.

Cidade Lúcida

Adrian Stölzle (Alemanha, Portugal, 2023, 91') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Domingo 24 setembro • Sala 2, 18h00

Depois de Moçambique ter conquistado a independência de Portugal, Benvindo Fonseca e a sua família mudaram-se para Lisboa. Só aos 16 anos começou a dançar, mas em pouco tempo chegou ao emblemático posto de primeiro bailarino do Ballet Gulbenkian - o primeiro e único bailarino negro da época. No auge da carreira sofreu uma grave lesão e os médicos previram que nunca mais poderia dançar. Revivendo as memórias de um passado glamoroso, mas doloroso, sob os holofotes, as reminiscências constantemente latentes da história colonial surgem agora no vazio do indizível.

Conversa com Benvindo Fonseca

Domingo 24 setembro • Sala 2, 19h30

Formado no Conservatório Nacional de Lisboa e na Escola da Fundação Calouste Gulbenkian, e também em Nova Iorque, Londres e Paris, Benvindo Fonseca foi solista da Companhia de Dança de Lisboa e do Ballet Gulbenkian - onde foi o primeiro homem negro com o posto de primeiro bailarino -, tendo trabalhado com coreógrafos como, entre outros, Mats Ek, Jiri Kylian, Hans Van Manem, Orad Naharin, Itzik Galili, Vasco Wellenkamp, Olga Roriz, Paul Taylor, Christopher Bruce e Nacho Duato. Foi também cofundador e diretor artístico e coreógrafo do Ballet Contemporâneo de Lisboa, tendo coreografado para inúmeras companhias e instituições. Figura incontornável da História da Dança em Portugal, Benvindo - como é carinhosamente conhecido no meio -, estará à conversa com a jornalista Carolina Franco, a propósito do documentário sobre a sua vida e carreira, *Cidade Lúcida*.

Drifter

Hannes Hirsch (Alemanha, 2023, 79') • Fic. Leg. Português e Inglês. M/16

Quinta-feira 28 setembro • Sala Manoel de Oliveira, 22h00

Moritz, de 22 anos, vai para Berlim, atrás do seu namorado, Jonas, sendo abandonado por ele às poucas semanas. Durante algum tempo, refugia-se na segurança que lhe transmite Noah, um homem mais velho, mas acaba por seguir em frente. Muda de estilo e mergulha no vibrante mundo techno da cidade. Aprende a expressar desejos reprimidos, mas começa também a perder-se nas drogas e a cair na alienação emocional.

Debate: Chemsex e consumo de drogas na comunidade queer

Quinta-feira 28 setembro • Sala 2, 18h30

A propósito da exibição da longa-metragem *Drifter*, estreada este ano na Berlinale e parte da programação do Queer Lisboa, o festival organiza um debate que visa analisar a realidade atual dos hábitos de consumo de drogas dentro da comunidade queer, em Portugal. Como evoluíram estes consumos nos últimos anos? Que novas drogas levantam o alerta na comunidade científica? Existem hábitos de consumo específicos e práticas específicas a eles associadas dentro da comunidade queer? Para nos falarem sobre estas e outras questões, convidámos a psicóloga e antropóloga, Cristiana Vale Pires, membro-fundador na Kosmicare onde colabora como psicóloga e gestora de projetos, além de investigadora no CEDH e professora auxiliar na FEP-UCP; e Rui Guerreiro, mestre e especialista em enfermagem médico-cirúrgica, cujas principais áreas de interesse relacionam-se com a infeção por VIH e a saúde sexual dos homens que fazem sexo com homens. O debate será moderado pela médica, Maria José Campos.

Intransitivo: um Documentário Sobre Narrativas Trans

Gabz 404, Gustavo Deon, Lau Graef, Luka Machado (Brasil, 2022, 72') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Quarta-feira 27 setembro • Sala 2, 18h00

2021. Pandemia. Brasil (o país que mais mata pessoas trans e travestis pelo 13º ano consecutivo). Em pleno momento político crítico e perigoso, um grupo trans-centrado viaja pelo Rio Grande do Sul e conversa com outras oito pessoas transgénero. As entrevistas abordam questões relacionadas com transição e outros atravessamentos identitários e interseccionais, tais como classe, raça, idade, sexualidade e corpo. Nos bastidores, acompanhamos conversas entre a equipe, discussões sobre os temas abordados e as suas relações interpessoais durante as viagens.

Conversa com Gabz 404

Quarta-feira 27 setembro • Sala 2, 19h30

O coletivo Intransitivo é formado por Gabz 404, Gustavo Deon, Lau Graef e Luka Machado, quatro pessoas trans que desenvolvem o seu trabalho nas áreas artística, cultural e de memória e preservação da história. O seu propósito é aquele de procurar espaços de fala e protagonismo para as suas narrativas, à frente e atrás das câmaras. De forte raiz comunitária e ativista, íntimo e político, o documentário *Intransitivo: um documentário sobre narrativas trans* é o ponto de partida para uma conversa com Gabz 404, onde se abordará não apenas os desafios da criação deste filme, mas a própria vivência conjunta da equipe de criadores e protagonistas, assim como as problemáticas específicas das comunidades trans no Brasil da atualidade.

Oliver Sacks: His Own Life

Ric Burns (EUA, 2019, 114') • Doc. Leg. Português. M/16

Terça-feira 26 setembro • Sala 2, 17h30

Um mês após receber um diagnóstico fatal, em janeiro de 2015, Oliver Sacks sentou-se para uma série de entrevistas filmadas, no seu apartamento em Nova Iorque. Durante oito horas, rodeado de família, amigos e blocos de apontamentos de seis décadas de escritos e pensamentos sobre o cérebro, falou-nos da sua vida e trabalho, do permanente estado de encantamento perante o mundo natural, e do lugar do ser humano nesse mundo. A partir destas reflexões profundamente pessoais, assim como de cerca de duas dúzias de entrevistas com amigos próximos, família, colegas e pacientes, recorrendo também a imagens de arquivo de vários momentos fulcrais da sua vida, este documentário narra a história de um adorado médico e escritor que redefiniu o nosso entendimento sobre o cérebro e a mente.

Debate: Na Cabeça de Oliver Sacks

Terça-feira 26 setembro • Sala 2, 19h30

Oliver Sacks, médico e professor de neurologia e psiquiatria, gay assumido e motard, quebrou as barreiras da comunidade científica para a cultura popular, ao se tornar num dos mais famosos e influentes autores das últimas décadas, tendo o *The New York Times* se referido a ele como o "poeta laureado da medicina". As suas coletâneas de casos de neurologia, como "O Homem que Confundi a Mulher com Um Chapéu" (1985) ou "Um Antropólogo em Marte" (1995) dão-no a conhecer ao grande público; tendo Sacks já se tornado um autor seguido, quando em 1973 lança o "Despertaes", sobre a sua experiência clínica com os sobreviventes da encefalite letárgica de inícios do século XX. Para nos falar sobre o legado de Oliver Sacks, quer no contexto da neurologia, quer na perceção desta especialidade médica para o mundo exterior, convidámos os neurologistas Pedro Cabral e Bruno Maia, para um debate moderado pela médica, Maria José Campos.

Debate: Nós no ecrã. Representação LGBTQI+ nos media

Sexta-feira 29 setembro • Sala 2, 18h30

Este debate pretende promover um diálogo sobre a representação e visibilidade da comunidade LGBTQI+ em diversos formatos de media e o papel das redes sociais na promoção de narrativas que refletem a diversidade de experiências e identidades dentro da comunidade LGBTQI+. Os objetivos são os de avaliar o estado atual da representação LGBTQI+ em diferentes media: televisão, cinema, publicidade, YouTube, entre outros; examinar o progresso nos últimos anos e os desafios que continuam a existir; discutir o impacto da representação LGBTQI+ nos media, especialmente para jovens LGBTQI+ e que pertencem a grupos interseccionais; e em como as redes sociais contribuem para a criação de uma *media landscape* mais inclusiva ao permitir o desenvolvimento de comunidades e amplificação de vozes LGBTQI+. Mais informações no site oficial do festival.



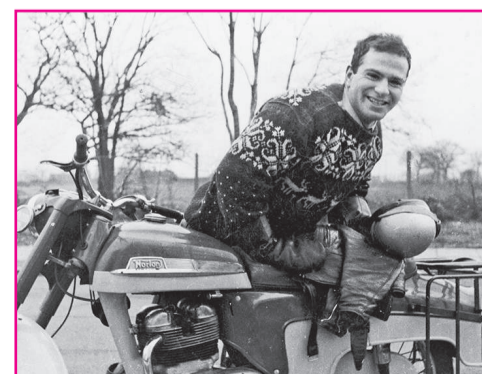
Arrête avec tes mensonges © TS Productions



Cidade Lúcida



Intransitivo: um Documentário Sobre Narrativas Trans



Oliver Sacks: His Own Life

Gaze Shorts Program

Numa colaboração com o GAZE International LGBTQIA Film Festival, que este passado mês de agosto celebrou a sua 31.ª edição, em Dublin, o Queer Lisboa acolhe um programa de curtas-metragens irlandesas com curadoria do festival, e que são um reflexo de um importante impulso que o cinema queer deste país tem conhecido em anos recentes. No contexto deste intercâmbio, o Queer Lisboa esteve também em Dublin para apresentar um panorama de curtas queer portuguesas recentes, com filmes de Ricardo Branco, Ágata de Pinho, Isadora Pedro Neves Marques, Ary Zara e Pedro Gonçalves Ribeiro, todos eles parte das recentes competições do Queer Lisboa e Queer Porto e que mostram a enorme qualidade, além da representatividade queer, no mais novo cinema nacional.

Gaze Shorts Program (82')

Sábado 30 setembro • Sala 3, 18h30

Homebird

Caleb J. Roberts (Irlanda, Reino Unido, 2022, 11') • Curta Fic. S/ Legendas. M/16

Tendo partido meses antes, sem pré-aviso, Conor voltou para a sua cidade natal após ter abandonado a universidade do outro lado do charco, e confronta-se com o seu pai num tenso encontro na frente ribeirinha da cidade.

Punch Line

Becky Cheatle (Irlanda, 2022, 10') • Curta Fic. Leg. Inglês. M/16

Na véspera de um ataque transfóbico, uma comediante transgénero processa os seus sentimentos da única maneira que sabe: por meio de comédia *stand-up*.

Skin to Skin Talks

Pradeep Mahadeshwar (Irlanda, 2023, 12') • Doc. Curto. Leg. Inglês. M/16

Na nossa constante procura de escolher pessoas com base na sua aparência, tendemos a alienar por completo as pessoas reais que temos à nossa volta. Neste filme, Pradeep Mahadeshwar reflete sobre a sua própria experiência enquanto homem de cor, gay e migrante, e sobre as políticas raciais de exclusão.

First Date

Clara Planelles (Irlanda, 2022, 12') • Curta Fic. Leg. Inglês. M/16

Tina, uma agricultora recentemente enviuvada, não quer que a filha volte para a cidade e a deixe sozinha. Quando Seamus chega à quinta com a conversa de um encontro romântico, ela decide intervir.

What Could Go Wrong?

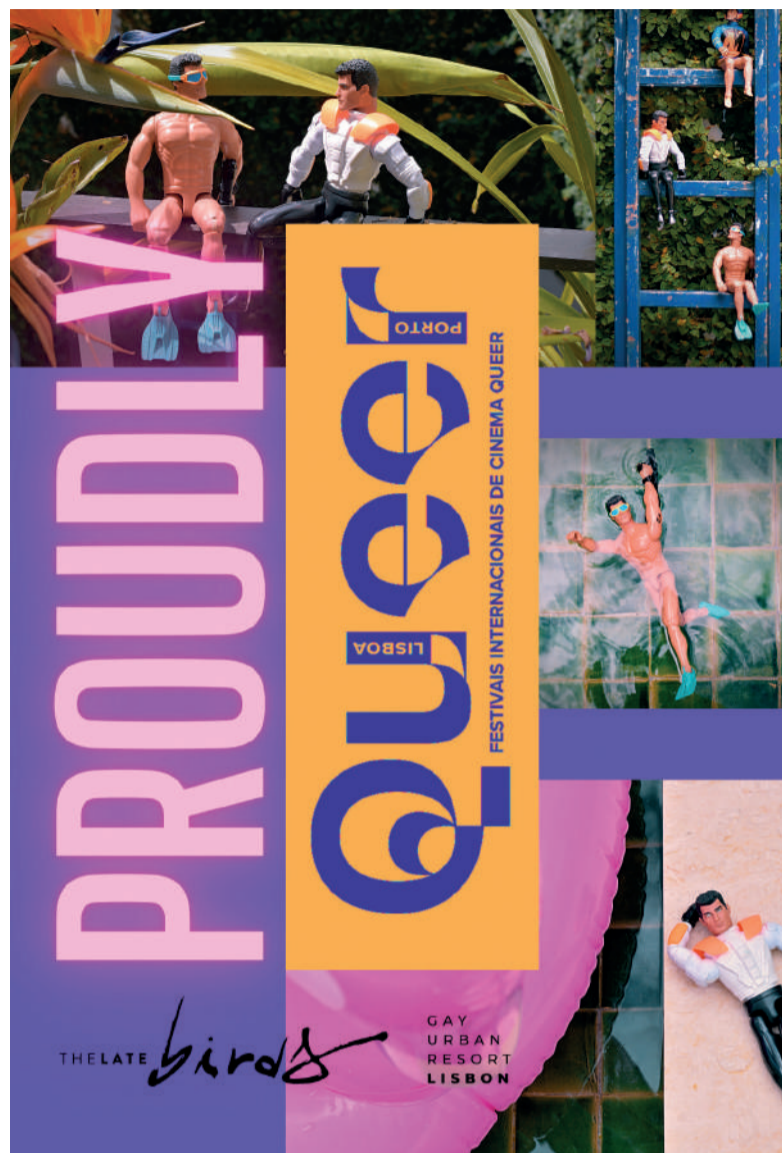
Caroline Quinn (Irlanda, 2023, 17') • Curta Fic. S/ Legendas. M/16

Sarah arrasta cinco melhores amigas numa viagem de acampamento para passarem um divertido último fim de semana juntas antes de seguirem caminhos separados... pelo menos era esse o plano. Entre a falta de entusiasmo do grupo, frango fora do prazo e problemas com o carro, é seguro afirmar que a viagem é longe de perfeita.

Don't Go Where I Can't Find You

Rioghnaigh Ni Ghrioghair (Irlanda, 2021, 20') • Curta Fic. Leg. Inglês. M/16

Uma compositora assombrada usa a música para se conectar com o fantasma da sua amante morta, mas a sua mente começa a mergulhar no caos.



Homebird



Punch Line

SERVIÇO CONFIDENCIAL E GRATUITO
PARA DETEÇÃO RÁPIDA DO VIH
E OUTRAS INFEÇÕES
DE TRANSMISSÃO SEXUAL
DIRIGIDO A HOMENS
QUE TÊM SEXO COM HOMENS

GAT
CHECKPOINT LX

Membro da Coligação
Internacional Sida

910 693 158
MARCAÇÃO RECOMENDADA

<https://checkpointlx.com>
checkpointlx@gatportugal.org
Tv. Monte do Carmo, 2,
1200-277 Lisboa

FOTOGRAFIA: LUCAS NOBRE

PARCEIROS



FINANCIADORES



RECONHECIMENTOS



Contra Natura
EROTIKA SHOP

Spreading
 Orgasms

Since
 1989

LISBOA

| | | |
|--|--|---|
| Chiado Rua Nova da Trindade, 26 213 432 126 | Baixa Rua dos Correeiros, 163 213 430 786 | Baixa Rua dos Douradores, 23 212 451 534 |
| Praça do Chile Rua Quirino da Fonseca, 7B 218 465 972 | Marquês de Pombal Rua Conde Redondo, 82 213 155 096 | |

[.contranatura.pt](http://www.contranatura.pt)

PARCEIRO
 FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA QUEER

Wine Concept
 O DISTRIBUIDOR DE HISTÓRIAS

www.wineconcept.pt

Seja responsável, beba com moderação. info@wineconcept.pt t. +351 214 990 272

KAFFEEHAUS
 BRUNCH | LUNCH | DINNER

22 a 30 de Set. 2023

15 % a espectadores do queer lisboa 27
 com bilhete do dia anterior ou próprio dia.

15 % for visitors of queer lisboa 27 with
 a valid ticket of the day or the day before

Celebre os 15 anos Kaffeehaus!

Queer LISBOA 15%

Rua Anchieta 3, Chiado 1200-023 Lisboa
 tel. +351 210 95 69 28
kaffeehaus-lisboa.com

Segunda Monday - 10h30 - 20h
Terça a Sexta Tuesday to Friday - 11h30 - 23h
Sábado Saturday - 10h30 - 23h
Domingo Sunday - 10h30 - 20h

LISBOAPRIDE.COM
 homes for everyone

JOÃO PASSOS
 JPASSOS@LISBOAPRIDE.COM
 +351 961 729 480
 AMI 12352

The Portuguese LGBTQI+ Real Estate Brand

Retrospetiva Yvonne Rainer

Yvonne Rainer em 1977

“Tornar-se Yvonne Rainer”

Hilda de Paulo

Programadora do Queer Lisboa

Yvonne Rainer em 1977

Meu trabalho em sentido amplo sempre foi autobiográfico. [...] A autobiografia, como eu a uso, é uma rica fonte de material e, como todo material, pode ser manipulado: fragmentado, redistribuído, ampliado, analisado, justaposto.

Yvonne Rainer¹

Yvonne Rainer em 1977

A artista estadunidense Yvonne Rainer (1934-) publica sua autobiografia *Feelings are facts: A life* em 2006. A cronologia apresentada nessa biografia ficcionalizada, escrita a partir da relação de vida e arte exposta pela autora, opera na tentativa de visibilizar o “tornar-se Yvonne Rainer”, que também busco mostrar de modo panorâmico e sucinto neste ensaio.

Para entender melhor a expressão “tornar-se”, é necessário partir de duas questões fundamentais, que são: qual é a singularidade teórico-artística da artista e quais são as condições históricas que favoreceram seu pensamento e sua prática artística? Essas são perguntas que auxiliam a refletir a ideia de que, por mais singular que seja a régua de experiência de uma pessoa, há as condições históricas que favorecem a sua visibilidade, o seu modo de dizer e de se mover na maneira como vai se formando sua prática artística e vão ganhando contornos os materiais afetivos que alimentam sua obra. “Tornar-se”, portanto, dá uma dimensão dos processos subjetivos e históricos que configuram o pensamento de uma determinada sujeita.

Da sua formação em interpretação e dança moderna com Martha Graham, Merce Cunningham, Judith Dunn e Viola Farbe à sua radiante carreira coreográfica fundadora da “dança pós-moderna” – rótulo criado pela artista para assinalar o antagonismo em relação à dança moderna – na década de 1960, com diversas obras marcantes como *Word Words* (com Steve Paxton) (1963), *Parts of Some Sextets* (1965) e *The Mind is a Muscle, Part I* (mais tarde chamada de *Trio A*) (1966), Yvonne Rainer é – sem sombra de dúvida – uma das mais importantes artistas da atualidade.

Foi membra fundadora do Judson Dance Theater – um coletivo nova-iorquino de artistas acolhido entre os anos de 1962 e 1964 no programa de artes de uma igreja protestante (a Judson Memorial Church, em Greenwich Village), cujo apogeu em 1963 serviu “como o epicentro da vanguarda de Nova York, com sua arte antiautoritária, extremamente corporal e muitas vezes transgressora”²–, onde ela própria se alimentou nesse laboratório de experimentação coreográfica para desenvolver uma prática artística inovadora que tem sido amplamente descrita e analisada pelo cânone minimalista como uma privilegiada visão despersonalizada, formalista e abstrata.

Ao lado de artistas como Trisha Brown, Carolee Schneemann, Steve Paxton, Lucinda Childs, Deborah Hay, Robert Morris e David Gordon, Rainer se compromete a trabalhar o corpo de acordo com a sua realidade física e concreta ao introduzir gestos, ações e objetos cotidianos em sua dança, desenvolvendo uma temporalidade plana e monótona ao valorizar um estilo performativo que renova radicalmente o tratamento da emoção, relevando, assim, uma dança que considera o material afetivo como “fatos” livres da narração, do figurino e do cenário.

A autora Johanna Renard, em seu livro *Un ennui radical: Yvonne Rainer, danse et cinéma*, afirma que a “hipótese de uma recusa da emoção em Rainer se deve muito ao famoso parágrafo do manifesto que conclui o artigo ‘Some Retrospective Notes on a Dance for 10 People and 12 Mattresses called *Parts of Some Sextets*’”³. Conhecido também como “Manifesto do NÃO”, a afirmação – que quase sempre é citada em estudos, como o de Sally Banes, o de Carrie Lambert-Beatty e o de Jill Johnston, entre outros, sobre a obra de Rainer – marca “as regras e os limites” das criações da artista ao declarar “um NÃO muito grande a muitos aspectos do teatro de hoje [...] NÃO ao espetáculo, não ao virtuosismo, não às transformações e à magia e ao fingimento [...] não à sedução do espectador pelas artimanhas do performer, não à excentricidade, não ao fato de se mover ou ser movido”⁴.

A peça emblemática da dança pós-moderna *Trio A* – coreografada em 1966 e performada para vídeo em 1978 –, por exemplo, marca uma passagem histórica da dança para uma noção de movimento puro, consistindo em uma coreografia simplificada, sem incorporar música, expondo um fluxo contínuo de movimentos sem virtuosidades. E sendo uma característica da artista o hábito de retrabalhar materiais coreográficos, investigando variações, justaposições e autocitações, *Trio A* desponta em muitas outras das suas criações, seguindo viva e em evolução persistente.

Entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970, Yvonne Rainer passa por sérios problemas de saúde, ao mesmo tempo que o seu relacionamento amoroso com o artista Robert Morris gradualmente acaba.

Nota-se, então, que o elemento autobiográfico e o material emocional vão aparecer ainda mais na prática artística de Rainer, visto que o seu interesse pelas relações interpessoais e pela afetividade está diretamente associado às profundas perturbações ocorridas naquele momento em sua vida pessoal, favorecendo, assim, a entrada da artista no cinema. Mais tarde, em 1981, Rainer declara que “foi a [minha] ‘vida emocional’ que me empurrou para a narração e, finalmente, para o cinema”⁵, corroborando, dessa forma, a argumentação de que a experiência vivida da artista é central para sua dança, seu cinema e seus escritos.

O primeira longa-metragem de Yvonne Rainer – *Lives of performers, a melodrama* (1972) – marca claramente sua transição da dança para o cinema. Em preto e branco, o filme se passa exclusivamente no espaço fechado e intimista de um loft, misturando sequências coreografadas da peça *Performance* (1972) com estratégias documentais e ficcionais, diálogos e monólogos. Centrado no processo de desenvolvimento de uma peça coreográfica, o filme gira em torno das interações íntimas de um grupo de performers, com seus dilemas sentimentais revelados por diálogos em voz *off* dessincronizados da sua própria imagem capturada. Dessa maneira, os códigos de gênero no filme operam na oscilação entre a extrema austeridade da imagem e o surto de emoções relatadas pelo texto narrado, sobrepondo diferentes níveis de temporalidade que borram e apagam as fronteiras entre o que pertence ao espaço físico e ao espaço íntimo.

As tensões crescentes entre a arte minimalista e a feminista ficam ainda mais expressas no segundo filme de Yvonne Rainer – *Film about a woman who...* (1974) –, o qual foi recebido e interpretado pelo público como uma obra cinematográfica de cunho feminista que significativamente marcou a história do cinema experimental. O slogan feminista da época – “o pessoal é político” – foi ganhando contornos no cinema político feito pela artista, e, embora ela não se considerasse feminista ao longo da década de 1970, seu trabalho desse período foi crucial para o movimento feminista.

Em *Film about a woman who...* (1974), Rainer revisita suas próprias experiências entre autoanálises, memórias, reminiscências e fantasias para construir as dúvidas, ambivalências e contradições de uma mulher atormentada por ciúmes e sofrimentos. Além de utilizar a maior parte do material de sua peça multimídia – *This is the story of a woman who...* (1973) –, o filme incorpora algumas sequências filmadas nas ruas de Nova York e numa praia, desenvolvendo, assim, em torno de sua narração as reflexões pessoais de uma mulher (“ela”) presa num relacionamento abusivo com um homem (“ele”), onde os pensamentos se sucedem sem lógica recitados por diferentes vozes em *off*, femininas e masculinas, ou escritos em legendas.

Já em *Kristina talking pictures* (1976), adaptação da peça multimídia *Kristina (for a... novella)* (1974), Rainer opta por uma narração quase toda ficcional, desarticulada e fragmentária, centrando-se na história da domadora de leões judia Kristina, originalmente de Budapeste, que sobreviveu ao Holocausto e depois imigrou para Nova York para se tornar coreógrafa sob a influência de Martha Graham e Jean-Luc Godard. Interpretada por várias atrizes, incluindo a própria Yvonne Rainer, a personagem Kristina foi concebida numa relação de força – aquela que doma leões – e vulnerabilidade – aquela que lida com suas emoções pessoais, principalmente em seu complicado relacionamento amoroso com o marinheiro Raoul. A vida emocional dos personagens novamente

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Yvonne Rainer em 1977

Feelings Are Facts: the Life of Yvonne Rainer

Jack Walsh (EUA, 2015, 83') • Doc. Leg. Português. M/16

Quarta-feira 27 setembro • Cinemateca Portuguesa, Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

Em 1962, Yvonne Rainer e um grupo de coreógrafas independentes revolucionaram a dança ao introduzir-lhe movimentos quotidianos como caminhar e correr, ao apresentarem-se com roupas de rua e ténis, e ao gritar e berrar sobre o léxico da dança. No início dos anos 70, ela introduziu a narrativa no cinema de vanguarda americano, subvertendo um género dominado até então pelo estruturalismo. Aos 80 anos, acompanhamos Rainer enquanto continua a criar coreografias vibrantes, corajosas e imprevisíveis, que fundem disciplinas artísticas e convidam o público a questionar os próprios pressupostos da dança e da performance.

Film about a Woman Who...

Yvonne Rainer (EUA, 1974, 105') • Longa-Metragem Exp. Leg. Português. M/16

Sábado 23 setembro • Cinemateca Portuguesa, Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

Uma meditação sobre a ambivalência que brinca com o clichê e as convenções da telenovela, ao contar a história de uma mulher cuja insatisfação sexual mascara uma enorme raiva.

Journeys from Berlin/1971

Yvonne Rainer (EUA, Reino Unido, antiga RFA, 1980, 125') • Longa-Metragem Fic. Leg. Português. M/16

Segunda-feira 25 setembro • Cinemateca Portuguesa, Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

Uma distendida sessão de terapia, em que uma americana fala com uma série de psiquiatras, serve de mote para evocar as experiências diárias de poder e repressão, bem como para explorar as ramificações do terrorismo.

Kristina Talking Pictures

Yvonne Rainer (EUA, 1976, 90') • Longa-Metragem Fic. Leg. Português. M/16

Quinta-feira 28 setembro • Cinemateca Portuguesa, Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

A história de uma domadora de leões de Budapeste que viaja para Nova Iorque para se tornar coreógrafa; ou as contradições entre persona pública e privada.

Lives of Performers

Yvonne Rainer (EUA, 1972, 90') • Longa-Metragem Exp. Leg. Português. M/16

Terça-feira 26 setembro • Cinemateca Portuguesa, Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

Um acutilante e revelador estudo sobre alianças românticas, o filme - originalmente parte de uma performance de dança coreografada por Rainer - examina o dilema de um homem que não consegue escolher entre duas mulheres, provocando o sofrimento a ambas.

The Man Who Envied Women

Yvonne Rainer (EUA, 1985, 125') • Longa-Metragem Fic. Leg. Português. M/16

Sexta-feira 29 setembro • Cinemateca Portuguesa, Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

Um relato honesto, gracioso e perversamente engraçado de um presunçoso mulherengo, Jack Deller, o homem "que quase sabe demasiado sobre as mulheres", construído em torno de um tema familiar: a destruição de um matrimónio.

Murder and Murder

Yvonne Rainer (EUA, 1996, 113') • Longa-Metragem Fic. Leg. Português. M/16

Sábado 30 setembro • Cinemateca Portuguesa, Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

Uma história de amor de meia-idade entre Mildred, lésbica desde sempre, e Doris, que está apaixonada por uma mulher pela primeira vez. Uma sólida meditação sobre o envelhecimento feminino, a sexualidade lésbica e o cancro da mama numa cultura que glorifica a juventude e o romance heterossexual.

Privilege

Yvonne Rainer (EUA, 1990, 103') • Longa-Metragem Exp. Leg. Português. M/16

Sexta-feira 29 setembro • Cinemateca Portuguesa, Sala Luís de Pina, 19h30

Um filme genuinamente subversivo sobre menopausa. A partir de um assunto praticamente silenciado no cinema, Rainer elabora um trabalho espirituoso e arriscado sobre a identidade sexual e as economias desiguais de raça, género e classe.

Rainer Variations

Charles Atlas (EUA, 2002, 42') • Doc. Leg. Português. M/16

Quarta-feira 27 setembro • Cinemateca Portuguesa, Sala Luís de Pina, 18h30

Fazendo uso de imagens de arquivo e novos vídeos, esta "montagem vídeo", como Atlas a descreve, é um documentário *sous-rature*. Neste seu retrato da realizadora e coreógrafa Yvonne Rainer, Atlas subverte convenções de género de forma a colocar algumas das mesmas questões que há muito fazem mover Rainer. Ao passo em que uma extensa entrevista com Rainer transcorre ao longo do filme, a montagem de Atlas introduz os quatro "performers" (Rainer entre eles), que encenam e reencenam a entrevista, baralhando e sobrepondo imagens e registos vocais, criando um palimpsesto-vídeo de teatralidade e ambiguidade.

Debate: "Yvonne Rainer: cinema e dança"

Quarta-feira 27 setembro • Cinemateca Portuguesa, Sala Luís de Pina, 19h15

A seguir à projeção do documentário de Charles Atlas, e em parceria com a BoCa - Biennial of Contemporary Arts, tem lugar um debate sobre a obra de Yvonne Rainer, onde se abordam a dicotomia do seu trabalho do corpo em palco contra aquela de um trabalho mais psicologista no cinema, assim como os contextos da vanguarda onde Rainer se insere e o impacto da sua obra na criação coreográfica portuguesa. Participam no debate a escritora, artista, performer e ativista Gisela Casimiro; o coreógrafo, curador e investigador, João dos Santos Martins; e Jorge Jácome, realizador de cinema. O debate tem moderação de Cláudia Galhós, jornalista, especialista em artes performativas e escritora e de Joana Ascensão, programadora da Cinemateca Portuguesa.



Journeys from Berlin/1971



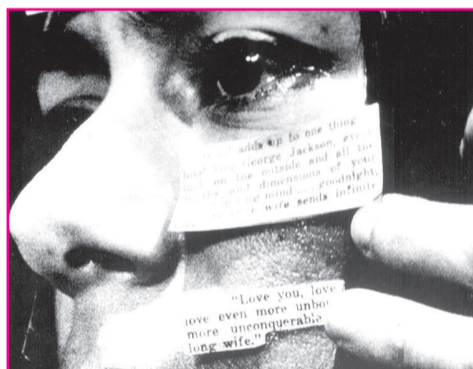
The Man Who Envied Women



Feelings Are Facts: the Life of Yvonne Rainer



Kristina Talking Pictures



Film About a Woman Who



Lives of Performers



Rainer Variations



Murder and Murder



Privilege

Festas

Opening Party

Sexta-feira 22 setembro • Arroz Estúdios (Av. Infante D. Henrique), 00h-05h

Preço: 7€ + 3€ sócias

As *vibes* industriais deste antigo armazém do Beato marcam a festa de abertura deste ano. Aos decks, AAguiIAA, DIDI e Rafaela Jacinto transpirando e servindo todo o tipo de ritmos, batidas pop e energias eletrônicas para animar o arranque do festival.

Queer Rendez-Vous

Sábado 23 setembro • Bar TR3S (Rua Ruben A. Leitão, 2A), 22h-03h

Entrada gratuita

Um "let's get together" para amigos e convidadas do festival em pleno coração do Príncipe Real. Aproveita para beber um copo na esplanada enquanto o verão se despede.

Volunqueers Party

Quinta-feira 28 setembro • Purex Clube (Rua das Salgadeiras, 28), 22h-02h

Entrada gratuita

Repetimos a festa para nossoes volunqueers no lendário espaço do Bairro Alto. Dj Sentado abrirá a pista com soul e disco vintage, Dj Gosto d ti passará som (incluindo muito pimba) a partir da meia-noite.

Drama Horror Picture Show

Sexta-feira 29 setembro • Drama Bar (Rua Damasceno Monteiro, 75B), 19h-01h

Entrada gratuita

O Drama Bar abriu portas há muito pouco, mas já é destacada referência para as criaturas da noite: um espaço cultural de 300m2 com uma programação queer local eclética, cocktails, exposições, cozinha pop-up, djs, espetáculos, seleção de vinhos... Aceitaram o nosso convite para organizar uma noite Queer Lisboa sem pensar duas vezes, e o resultado prevê-se sexy. Dica: não faltes!

DISCORUSH! Closing Party

Sábado 30 setembro • NAV – Núcleo Alexandria Viva (Campo Pequeno, 79), 00h-06h

Preço: 10€ até às 02h - 12€ a partir das 02h

Tomando inspiração nos New Romantics londrinos e na cena hedonista da efervescente NYC, desde o Studio 54 até aos extravagantes Club Kids, DISCORUSH! ambiciona infundir a exuberância criativa desses movimentos com house, disco, performance e moda. Alex B2B Afonso e Paco! são nomes já confirmados, mas haverá mais protagonistas nesta que será a primeira DISCORUSH! de muitas.



Bar TR3S



Drama Bar



Opening party



Purex Clube



www.villa3caparica.com



+351 964 983 333

Clothing Optional, Heated Pool, Jacuzzi, Sauna, Steambath, Gym, Free Breakfast, Free Bar Shuttle

Marc & Chef Ädu Present

BISTRO EDELWEISS

The Sound of Swiss Food

!

?

rua de São Marçal 2 - Príncipe Real - Lisboa
 tel. +351 21 346 5324 tlm +351 93 041 4725
www.edelweiss-bistro.com

QUEER LISBOA 27 - FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA QUEER
22-30.09.2023 | Cinema São Jorge & Cinemateca Portuguesa

Calendário de Sessões | Screening Timetable

| | Sexta 22 Friday | Sábado 23 Saturday | Domingo 24 Sunday | Segunda 25 Monday | Terça 26 Tuesday | Quarta 27 Wednesday | Quinta 28 Thursday | Sexta 29 Friday | Sábado 30 Saturday |
|--|--|--|-------------------------------|--|---|--|---|--|--|
| Cinema São Jorge - Sala Manoel de Oliveira | | | | | | | | | |
| 16h00 | | O Acidente | O Estranho | | | O Estranho | Peafowl | Peixe Abissal | Sisi & I |
| 19h00 | | Kokomo City | Peixe Abissal | Peafowl | Vai e Vem | Regra 34 | Opponent | All the Colours of the World Are Between Black and White | |
| 21h00 | Noite de Abertura | | | | | | | | Noite de Encerramento |
| 22h00 | La Bête dans la jungle | Pomomelancolia | Regra 34 | Arrête avec tes mensonges | Mutt | Blue Jean | Drifter | Passages | Queendom |
| Cinema São Jorge - Sala 3 | | | | | | | | | |
| 15h30 | | Who I Am Not | Cantando en las Azoteas | Shall I Compare You to a Summer's Day? | Cantando en las Azoteas | Polish Prayers | In My Shorts 1 | In My Shorts 2 | Labor |
| 18h30 | | Shall I Compare You to a Summer's Day? | Curtas 1 | Curtas 2 | Curtas 3 | Curtas 4 | As I Was Looking Above, I Could See Myself Underneath | The Life and Strange Surprising Adventures of Robinson Crusoe... | Gaze Shorts Program |
| 21h30 | | Playland | Anhell69 | Polish Prayers | Out of Uganda | Labor | Freedom from Everything | Transfariana | |
| Cinema São Jorge - Sala 2 | | | | | | | | | |
| 17h30 | | | | | Oliver Sacks: His Own Life | Intransitivo: um Documentário sobre Narrativas Trans | | | |
| 18h00 | | | Cidade Lúcida | | | | | | |
| 18h30 | | | | Conversa com Philippe Besson | | | | | Debate: Nós no ecrã. Representação LGBTQI+ nos media |
| 19h30 | | | Conversa com Benvindo Fonseca | | Debate: Na cabeça de Oliver Sacks | Conversa com Gabz 404 | | | |
| Cinemateca Portuguesa - Sala M. Félix Ribeiro | | | | | | | | | |
| 21h30 | | Film about a Woman Who... | Journeys from Berlin/1971 | Lives of Performers | Feelings Are Facts: the Life of Yvonne Rainer | Kristina Talking Pictures | The Man Who Envied Women | Murder and Murder | |
| Cinemateca Portuguesa - Sala Luís de Pina | | | | | | | | | |
| 18h30 | | | | | Rainer Variations | | | | |
| 19h15 | | | | | Debate: Yvonne Rainer, cinema e dança | | | | |
| 19h30 | | | | | | | Privilege | | |
| Festas / Parties | | | | | | | | | |
| | Opening Party Arrozes Estúdios (00h-05h) | Queer Rendez-vous Bar TR3S (22h-03h) | | | | | Volunteers Party Purex (22h-02h) | Drama Horror Picture Show Drama Bar (19h-01h) | Closing Party NAV (00h-06h) |

TERREIRO DO PAÇO IN LISBON, PORTUGAL




**#proudly
Portugal**

Portugal Explore = Feel

"Give yourself over to absolute pleasure"
"Entrega-te ao prazer absoluto."

Portugal's unique secret is authenticity.
Capture memorable moments and discover
a world where art and beauty are all around.
O segredo de Portugal está na autenticidade.
Experiencie momentos memoráveis e descubra
um mundo onde a arte e a beleza estão por toda parte.

proudlyportugal.pt

*The Rocky Horror Picture Show (1975)